

Apresentação

MULHERES: REFLEXÕES DISCURSIVAS EM TORNO DO FEMININO

As reflexões em torno da mulher e do que foi sendo construído como feminino têm ensejado teorizações em diversos campos do saber, contudo muito dessa história tornou-se discurso pela palavra do homem (Del Priore, 2012), de modo que foi necessária a irrupção dos movimentos feministas a fim de que “a mulher” pudesse falar por si. Ainda hoje, o feminismo negro, por exemplo, segue nos ensinando o quanto, para além da questão de gênero, também é preciso olhar outros marcadores sociais: raça, classe social, geração, orientação sexual, capacitismo. Para dizer dessas especificidades todas que nos atravessam, produzindo formas e níveis de opressão distintos, tem sido mobilizada a noção de interseccionalidade (Crenshaw, 1989, Collins, 2022).

Levando em conta a relevância e a multiplicidade da temática, esta chamada pretendeu reunir estudos de campos e perspectivas teóricas distintos que se propusessem a pensar uma ou mais arestas relacionadas ao feminino, seja a partir de/ou em diálogo com alguma perspectiva discursiva, no âmbito dos estudos de linguagens. Assim, o primeiro texto que compõe este número, de autoria de Alexandra Lourenço e Alana Carolina Kopczynski, traz discursos sobre a feminilidade a partir de jornais oitocentistas, que constituem dinâmicas históricas de gênero no Brasil do século XIX que têm impacto nas identidades de gênero ainda hoje.

Ainda no campo dos discursos midiáticos, o segundo texto, “O corpo feminino em (dis)curso: a boa forma e o corpo-mercadoria no jornal JÀ”, de Danilo Silva de Meireles e Josenildo Soares Bezerra, versa sobre a construção

do corpo da mulher a partir de enunciados utilizados para designar o corpo feminino considerado padrão. Com isso, discute a formulação das categorias “boa forma” e “corpo-mercadoria”, por meio da análise de imagens que veiculam mulheres em poses sensuais.

Partindo da memória mítica materializada no conceito de patriarcado, o artigo de Amanda Reis de Castro e Argus Romero Abreu de Morais aborda a construção histórica de três figuras imaginárias em torno do feminino: a pecadora, a santa e a bruxa, mostrando como esses elementos funcionam no discurso da extrema direita, tendo como materialidade de análise enunciados produzidos por Jair Bolsonaro, que atualizam sentidos do patriarcado, relegando a mulher ao papel reprodutivo e doméstico.

“Mulheres Erveiras da Feira do Ver-o-Peso na ordem interditada do discurso: as palavras proibidas”, de autoria de Denise Gabriel Witzel e Nelma do Socorro Santana Queiroz, traz, para este número, os tabus linguísticos relacionados à afetividade e à sexualidade das mulheres no espaço público. O texto aborda os saberes ancestrais das mulheres erveiras de Belém do Pará, relacionando-os aos interditos em torno da linguagem e do dispositivo da sexualidade (Foucault, 1988), ao analisar sequências discursivas sobre as erveiras da feira Ver-o-Peso em espaços midiáticos.

Sob o escopo dos Estudos Discursivos Foucaultianos, o artigo de Mariana de Brito Meneghetti Dias e Luciana Fernandes Nery recorta dois vídeos do YouTube para analisar os discursos de uma influenciadora, Evelyn Regly, acerca de abuso sexual intrafamiliar, sofrido durante a infância. O texto ainda aborda a relação entre a prática confessional investigada e sua possível influência no encorajamento de outras mulheres a denunciarem as violações de que foram vítimas.

Outro artigo que entrecruza violência, mídia e discurso, é o de Ariane Silva da Costa Sampaio e Washington Silva de Farias que discutem o transfeminicídio como acontecimento discursivo e midiático a partir da análise de postagens de notícias e comentários sobre morte de mulheres trans. As disputas de sentido vislumbradas nos comentários sobre mortes de mulheres trans se organizam no encontro de uma memória e de uma atualidade, desestabilizando os sentidos da lógica patriarcal.

Ainda adentrando no domínio do patriarcado, Tacia Rocha, Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso e Jefferson Gustavo dos Santos Campos analisam o modo como mecanismos de poder e de constituição do sujeito promovem a objetificação de duas personagens na supersérie ‘Onde nascem os fortes’ (Globo, 2018). Para tanto, as autoras e o autor acionam os pressupostos dos Estudos Discursivos Foucaultianos.

Falando sobre designação de mulheres, o texto “Campo de Concentração de Ravensbrück: discursivização das mulheres judias”, de Clara Emanuelle Pereira e Maria Cleci Venturini, apresenta-nos uma análise sobre como a designação de mulheres judias, nesses espaços, filiando-se a redes de memórias em torno do feminino. As materialidades analisadas são recuperadas a partir de testemunhos extraídos do livro de Sarah Helm (2022).

Também tomando como elemento central a noção de testemunho e inscrito na Análise de Discurso pecheutiana, o artigo de Renata Adriana de Souza, “Movimento Independente Mães de Maio: o sujeito-mãe contra a violência de Estado”, recorta, do documentário Mataram Nossos Filhos (2016), a fala de Débora Silva, uma mãe que perdeu seu filho para a violência cometida por agentes de segurança pública, em maio de 2006, no Estado de São Paulo. O gesto de interpretação produzido pela autora focaliza o entrecruzamento entre a ressignificação do acontecimento e a produção de resistência.

Com foco na temática do “(C)cuidado”, o artigo de Kátia Alexsandra dos Santos e Vitória Korb Canei articula gênero e saúde mental para analisar o enunciado “eu cuido, eles me internam”, produzido por usuária de um Centro de Atenção Psicossocial-CAPS. Assumindo uma perspectiva interseccional, no entrecruzamento com os pressupostos teóricos de Michel Pêcheux, o texto desnaturaliza a associação direta entre as mulheres e o cuidar tanto quanto destaca lacunas oriundas da estabilização social dessa prática.

Por fim, acionando a Análise de Discurso pecheutiana, o artigo de Maria Eduarda Toluz de Souza Medeiros Nogueira e Elaine de Moraes Santos analisa a discursivização de uma mulher surda em episódio de “Crisálida” (2019). Para tanto, as autoras problematizam a patologização e a objetificação do corpo como efeitos discursivos possíveis à leitura da face denunciativa assumida pelo seriado brasileiro. No recorte, o texto ressalta como as mulheres surdas são

alvos tanto das linhas de força do patriarcado, quanto das interdições e violações oriundas da não aceitação de sua diferença linguística.

Como podemos observar, os textos que reunimos nesta chamada abordam diferentes mulheridades. Há contribuições submetidas por pesquisadoras e pesquisadores das cinco regiões brasileiras, em propostas que, a partir de uma análise discursiva pecheutiana ou de uma análise discursiva foucaultiana, movimentam sentidos ao trazer para o debate a produtividade da relação mulheres e(m) discursos em diferentes materialidades linguístico-discursivas, tais como: jornais oitocentistas, pronunciamentos ou entrevistas políticas, tabloide jornalístico, vídeos do YouTube, comentários em postagem em rede social digital, livro, documentário, supersérie, fala produzida em grupo focal e seriado bilíngue.

Do ponto de vista dos trajetos temáticos mobilizados, a heterogeneidade também demarca a vastidão de universos que requerem nosso olhar em conjunturas tão antigas quanto recorrentes: discursos sobre a feminilidade; patriarcado; objetificação do corpo; estabilização do feminino a partir de figuras mítico-imaginárias; tabus linguísticos relacionados à afetividade e à sexualidade das mulheres; transfeminicídio; abuso sexual intrafamiliar; designação de mulheres judias; testemunhas do sujeito-mãe que perdeu seu filho para a violência de estado, prática do “(C)cuidado”, gênero e saúde mental; patologização e objetificação da mulher surda. Sob condições de produção distintas, cada investida temática faz avançar nossa compreensão de como irrompe a resistência no rol de tanta violação que ainda naturaliza desigualdades, vulnerabilização, apagamento e exclusão das mulheres em diversos espaços-tempo.

Sendo o campo da produção discursiva sobre as mulheres um campo de disputa, como testemunha a própria história dos estudos de gênero e dos movimentos feministas, sempre há lacunas e apagamentos. Não recebemos textos que abordassem sobre mulheres negras, indígenas, lésbicas, bissexuais, nem contribuições relacionadas a temas caros ao feminino e aos feminismos como dilemas da maternidade, inserção e ativismo na política, legislação, direitos das mulheres, educação etc. Contudo, compreendendo junto com Lacan (2008) que “A Mulher não existe” e que, portanto, dar conta dessa categoria seria

algo impossível, consideramos que as produções reunidas, neste número, nos auxiliam a contornar o que tem composto discursivamente este objeto sempre no plural: as mulheres.

Referências

- COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. Trad. Bruna Barros, Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: a Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, **Feminist Theory and Antiracist Politcs**. University of Chicago Legal Forum, n.1, 1989, p. 139-167.
- Disponível em:
<<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=ucilf>>. Acesso em: 05.jun.2020.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Tereza da Costa Alburquerque e J.A. Guilhon Alburquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HELM, S. **Ravensbrück**: A história do campo de concentração nazista para mulheres. Trad. Cristina Cavalcanti – 5^a edição. Rio de Janeiro. Grupo Record, 2022.
- DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LACAN, J. **Seminário, livro 20**: mais, ainda. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Organizador(as)

- Elaine de Moraes Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
Doutora em Comunicação e Semiótica
- Kátia Alexandra dos Santos (Universidade Estadual do Centro-Oeste-
Unicentro)
Doutora em Psicologia